



ISSN: 1983-8379

## A resistência dos mortos

Ricardo Ferraz Braidia Lopes <sup>1</sup>

RESUMO: A partir da leitura de *Recordações da casa dos mortos*, de Fiódor Dostoiévski, o texto analisa a força da memória e da escrita em resistência ao cárcere, possibilitando uma leitura crítica do Direito a partir da Literatura.

Palavras-chave: Cárcere; Memória; Resistência; Literatura; Direito.

RESUMEN: A partir de la lectura de *Notas de la casa de los muertos*, de Fiodor Dostoievski, el trabajo analiza la fuerza de la memoria y la escrita en resistencia a la prisión, ofreciendo una lectura crítica del Derecho en la Literatura.

Palabras clave: Cárcel, Memoria, Resistencia, Literatura, Derecho.

*“Também os mortos não estarão em segurança se o inimigo vencer.”*

*Walter Benjamin*

### 1. Casa dos mortos

Não é novidade o cárcere como organização social na literatura. Tal ambiente é rico para inspirações de tipos humanos, comportamentos excêntricos e linguagens extremadas. Se o observador é testemunha atenta, a experiência em um sistema prisional pode transformar repressão em expressão. “As personagens literárias são criaturas do mundo real, onde o escritor as pré-encontra antes de transformá-las em figuras de ficção.” (BAKHTIN in BEZERRA, 2009, p. 8). Não seria diferente com Fiódor Dostoiévski. O escritor russo, autor de *Crime e Castigo* (1866) e *Irmãos Karamázov* (1881), foi conduzido para uma prisão em *Omsk*, na *Sibéria*, ainda jovem, pouco mais de vinte e quatro anos, por participar do grupo

<sup>1</sup> Mestrando do Programa de Pós-Graduação em Letras: Estudos Literários da Universidade Federal de Juiz de Fora.



ISSN: 1983-8379

revolucionário Círculo Petrashevski, o que lhe valeu quatro anos de prisão (GIRARD, 2011, p. 108). A experiência desumanizadora vivida no sistema prisional russo deixaria marcas profundas na personalidade e na obra do escritor, que pode ser dividida em antes e depois do cárcere. A vivência de Dostoiévski naquele submundo é propulsora da escrita de *Recordações da Casa dos Mortos* (1862), grande reportagem sobre a prisão siberiana que obteve magnífico sucesso (GIRARD, 2011, p. 63). É neste enredo que o escritor russo estabelece o diálogo do “*homem no homem*”, colocando-o em diferentes situações que o revelem e provoquem, juntando personagens e levando-os a chocar-se entre si, mas de tal forma que não permaneçam no âmbito desse contato no interior do enredo, ultrapassando seus limites (BAKHTIN, 2011, p. 196). A narrativa dostoiévskiana é reveladora da animalização da sociedade carcerária e suas paradoxais privações:

“Logo compreendi que o trabalho forçado, a privação de liberdade são coisas horríveis, mas o pior de tudo é ser obrigado a ficar o tempo inteiro com os outros, sem direito a um momento consigo próprio. A vida em comunidade é um ato em escolha, voluntário, ao passo que na prisão é imposta, não estabelece laços, e eu creio que cada prisioneiro sente isso; ainda que inconscientemente, sente isso.” (DOSTOIÉVSKI, 2010, p. 32)

## 2. Memória

Para além da análise de pacto autobiográfico, autoficcional ou romanesco da obra, é necessário reconhecer que essa genial criação, fundada na consciência aguda de mecanismos psicológicos próprios ao criador (GIRARD, 2011, p. 74), é construída a partir da memória de Fiódor Dostoiévski. A carta destinada ao seu irmão, escrita logo após deixar a prisão, onde relata alguns fatos de seu período de cárcere, fornece elementos suficientes para acreditar que os olhos denunciadores do narrador são do próprio escritor. Algumas pistas se revelam: O personagem principal chama-se Alexander Petrovitch, sobrenome homônimo do heterônimo que Dostoiévski utilizava para receber correspondências clandestinas: Mikhail Petrovitch (DOSTOIÉVSKI, 2010, p. 318); a real existência de personagens, como do parricida inocente que no capítulo sete da segunda parte de *Recordações da casa dos mortos* ganha destaque ao ponto de ser narrado um comunicado do editor ao leitor, e que posteriormente inspirou *Os*



ISSN: 1983-8379

*irmãos Karamázov* (BEZERRA, 2009, p. 9); o repugnante major (DOSTOIÉVSKI, 2010, p. 315); os revolucionários “*decembristas*” (DOSTOIÉVSKI, 2010, p. 317); ou o jovem tártaro que Dostoiévski ensinou a ler e escrever russo (DOSTOIÉVSKI, 2010, p. 319). Fatos vivenciados pelo escritor na prisão, e relatados em sua obra pós-cárcere, constroem a memória individual, iluminando espaços escuros esquecidos pelos historicismo oficial.

“O problema crucial não estaria nem nas coisas esquecidas por todos, nem nas que são por todos lembradas. Mas naquelas que só a testemunha tem memória. Embora não recebam confirmação da memória alheia, integram uma *verdade superior*, ‘uma verdade expressa de relance nas fisionomias’, que o narrador percebeu e atesta mesmo sob pena de contradizer a versão majoritária e corrente” (BOSI, 2008, p. 236)

Em um registro ficcional sobre fatos vividos, Dostoiévski permite que o leitor perpassa desconfiado pela leitura do romance em busca da significação que o autor faz em referência ao passado. “Articular historicamente o passado não significa conhecê-lo ‘como ele foi de fato’. Significa apropriar-se de uma reminiscência, tal como ela relampeja no momento de um perigo.” (BENJAMIN, 2008, p. 224). A obra, escrita em primeira pessoa, utiliza de estratégias narrativas para que o autor encontre o devido distanciamento que pretende em seu texto, permitindo que sua representação seja construída sem que precise corresponder com a percepção real do vivenciado. (BAKHTIN, 2011, p. 35). A memória é elemento essencial para a precisa descrição do ambiente prisional, além da representação detalhada das sensações do homem encarcerado:

“E eu pensava, desalentado, que anos e anos se passariam e, tal como agora, ficaria espiando pela fresta, não vendo nada mais que a mesma muralha, o mesmo barranco, a mesma sentinela e apenas um trechinho do céu; não o céu que cobre o presídio, mas sim aquele ao fundo, distante, livre.” (DOSTOIÉVSKI, 2010, p. 19).

### 3. Interface

A partir da transformação da memória em linguagem, Dostoiévski construiu um campo de potente interpretação *literário-jurídico*, estimulando interdisciplinaridades em uma narrativa detalhista do convívio de “*almas decaídas*” em uma “*casa de mortos*”. A hipótese



ISSN: 1983-8379

estética é provocadora de uma crítica jurídica (DWORKIN, 2000, p. 229), possibilitando, a partir da escrita de denúncia do autor, uma profunda análise sobre a sociedade prisional e sua crônica violência. A representação do homem na “obra literária é interna, imanentemente sociológica. Nela se cruzam forças sociais vivas, *avaliações sociais vivas* penetram cada elemento da sua forma.” (BAKHTIN, 2011, p. 195). É a partir dessas “*avaliações sociais vivas*”, que o Direito Penal e a Criminologia se permitem relativizar a ficcionalidade da obra literária em debate, assumindo-a como uma representação fértil para o estudo do comportamento punitivo do homem.

Sob a égide do Direito, o homem encontra suporte institucional, através do conjunto de pedagogias e sistema dos livros, que ordena o discurso de vontade da verdade (FOUCAULT, 2011, p. 17), validador da pretensão de castigar impulsos, desejos e inadaptações, utilizando o cárcere como instância última para a aplicação de punições que “devolvem o bem-estar” à sociedade. “Mas o castigo é também uma maneira de buscar uma vingança pessoal e pública, pois na lei a força-física do soberano está de certo modo presente.” (FOUCAULT, 2009, p. 48). Neste exercício arbitrário do poder, o estado ordena suas *colônias penais e processos kafkianos*, elegendo comportamentos que não lhe interessam, etiquetando *inimigos* justificadores da sua conduta de vigilância. A prisão de Dostoiévski foi por um crime ontologicamente *inimigo* do estado. A carta enviada ao irmão denuncia o tratamento diferenciado que por vezes lhe era despendido, julgado como “imbecil”, e prometido de ser castigado duramente na primeira falta que cometesse (DOSTOIÉVSKI, 2010, p. 315).

“Aqueles que exerceram o poder foram os que sempre individualizaram o inimigo, fazendo isso da forma que melhor conviesse ou fosse mais funcional – ou acreditaram que era conforme seus interesses em cada caso, e aplicaram esta etiqueta a quem os enfrentava ou incomodava, real, imaginária ou potencialmente.” (ZAFFARONI, 2007, p. 82)

A relação dos presos políticos, por serem nobres, era também conflituosa com os outros detentos do presídio em *Omsk* (DOSTOIÉVSKI, 2010, p. 39). O escritor russo narra a impressão dos prisioneiros sobre os presos políticos, como se observasse a reação do meio sobre si mesmo. É preciso ressaltar que, na época da prisão de Dostoiévski, já havia



ISSN: 1983-8379

terminado a *Era Napoleônica*, em que a Rússia teve decisiva participação; e a Inglaterra estava em plena *Era vitoriana*, e a Rússia permanecia adormecida em um regime servil, controlada pelo *czarismo* de Nicolau I. Apesar desse atraso político, o poder punitivo russo apresentava características semelhantes à de instituições de outros países europeus da época, que, impulsionados ironicamente por uma ética calvinista, utilizavam da força de trabalho dos *prisioneiros* e controlavam os *pobres/camponeses* pelo sistema penal. “Essas mudanças não resultaram de considerações humanitárias, mas de um certo desenvolvimento econômico que revelava o valor potencial de uma massa de material humano completamente à disposição das autoridades.” (RUSCHE, 2004, p. 43). Dostoiévski escreve em seu livro que esse tipo de castigo sem nenhum propósito “mostra como o trabalho forçado, por ser compulsório e carregar um sentido de tortura, degradação e vilania, é incomparavelmente mais cruel do que qualquer tipo de trabalho livre.” (DOSTOIÉVSKI, 2010, p. 32) O prisioneiro se torna um escravo do estado. A crueldade do trabalho forçado pode ser ainda mais ilustrativa se lido um trecho da carta que o escritor envia ao seu irmão Mikhail:

“As tarefas eram pesadas; não sempre, claro, mas às vezes ultrapassavam minhas forças, quando realizadas em meio à tempestades, em alagados, na lama, ou no frio terrível do inverno. Em certa ocasião, passei quatro horas num trabalho em condições bem peculiares: o mercúrio do termômetro estancara, pois provavelmente fazia menos quarenta graus. Meu pé congelou.” (DOSTOIÉVSKI, 2010, p. 316).

A narrativa do cárcere de Dostoiévski representa a prisão como uma região sombria do aparelho de justiça, local onde o *poder de punir* organiza silenciosamente um campo de objetividade em que o castigo funciona em plena luz e discurso do saber. (FOUCAULT, 2009, p. 242).

#### 4. Resistência

A literatura é ferramenta imprescindível de uma luta contra uma força opressora, e é nessa *resistência* ao poder que a linguagem também se opõe ao esquecimento de uma experiência pessoal. O conflito literatura x poder proporciona caminhos para o homem relatar sua memória, como uma formação simbólica de sua percepção. Em *Recordações da casa dos*



ISSN: 1983-8379

*mortos*, Fiódor Dostoiévski coloca-se em tensão com o estilo e a mentalidade dominantes, explorando a superfície do texto ficcional com uma escrita *resistente*.

“A resistência é um movimento interno ao foco narrativo, uma luz que ilumina o nó inextricável que ata o sujeito ao seu contexto existencial e histórico. Momento negativo de um processo dialético o qual o sujeito, em vez de reproduzir mecanicamente o esquema das interações onde se insere, dá um salto para uma posição de distância e, deste ângulo, se vê a si mesmo e reconhece e põe em crise os laços apertados que o prendem à teia das instituições.” (BOSI, 2008, p. 134).

A relativização de discursos políticos permite que o escritor russo encontre, em meio a um ambiente supostamente degenerado, tipos humanos que consideraria anos depois como estruturalmente os mais vigorosos de seu povo (DOSTOIÉVSKI, 2011, p. 307). O exercício da memória, auxiliada a uma potência narrativa expressiva, estilizam a escrita *resistente* de Dostoiévski, decorrente de um *a priori* ético do eu aos valores ou antivalores do seu meio (BOSI, 2008, p. 121-130).

## Conclusão

A brutal experiência em um sistema prisional fez com que Dostoiévski transformasse a linguagem de um grupo social morto, em um discurso do “*homem com o homem*”, movido por um sonho utópico da fundação de alguma comunidade fora das formas sociais existentes (BAKHTIN, 2011, p. 201). A *força da memória* contra o esquecimento, e da *revivência pela escrita*, abriram caminhos para que o escritor se libertasse das correntes sociais presas aos seus tornozelos, e descobrisse sua peculiar “*vitalidade de gato*” (GIRARD, 2011, p. 105), impulsora de uma potente literatura em *resistência* a discursos dominantes.

## Referências

BAKHTIN, Mikhail. *Estética da criação verbal*. 6ª ed. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2011.



ISSN: 1983-8379

BENJAMIN, Walter. *Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura*. 7ª ed. São Paulo: Brasiliense, 2008.

BEZERRA, Paulo. *Um romance-síntese*. In: DOSTOIÉVSKI, Fiódor. *Os irmãos Karamázov*. 2ª ed. São Paulo: Ed. 34, 2009.

BOSI, Alfredo. *Literatura e resistência*. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

DOSTOIÉVSKI, Fiódor. *Recordações da casa dos mortos*. 2ª ed. São Paulo: Nova Alexandrina, 2010.

DWORKIN, Ronald. *Uma questão de princípio*. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

FOUCAULT, Michel. *A ordem do discurso*. 21ª ed. São Paulo: Edições Loyola, 2011.

FOUCAULT, Michel. *Vigiar e punir*. 37ª ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2009.

GIRARD, René. *A crítica no subsolo*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2011.

RUSCHE, Georg. *Punição e estrutura social*. 2ª ed. Rio de Janeiro: Revan, 2008.

ZAFFARONI, E. Raúl. *O inimigo no direito penal*. 2ª ed. Rio de Janeiro: Revan, 2007.